

LGBT Indígena no Ciberespaço como campo de disputas discursivas¹

Estevão Rafael Fernandes (orientador) ²

Ingrid Luize Brasil Lima ³

Kananda Lopes Silveira ⁴

Introdução

Nosso interesse pela temática surgiu a partir de discussões envolvendo o universo LGBT indígena no ciberespaço (sobretudo nas redes sociais). O que se tem observado, ao longo da pesquisa, é haverem sido os silenciamentos impostos pela colonização tão eficazes que tornaram esse tema invisível.

Historicamente, no Brasil, os indígenas e os LGBT foram – e tem sido - apagados e subalternizados, com processos diversos que vão desde a agressão física até a morte. Neste sentido, o lugar de enunciação de sujeitos LGBT indígenas ocupado particularmente nas redes sociais permite a eles se posicionarem de forma significativa, questionando posições de poder, legitimidade e a heteronormatividade. Sua estigmatização, muitas vezes no âmbito de suas próprias comunidades, se torna uma forma de justificar sua retirada de direitos duplamente: se atuam como indígenas, diz-se que por suas sexualidades fora das normas ocidentais “perderam sua cultura”, se atuam como LGBTs, retira-se-lhes a legitimidade sob a pecha de “exóticos”. O *queer* padrão é o branco, centro-sul, urbano e de classe média; o indígena *default* é o viril, “puro”, amazônico e “selvagem”. Os LGBT indígenas subvertem duplamente esses parâmetros, chamando a atenção para uma fissura no tecido colonial e na narrativa moderna-liberal.

¹ Pesquisa parte de projeto PIBIC desenvolvido dentro da Universidade Federal de Rondônia, com bolsas do CNPq e da Universidade Federal de Rondônia.

² Doutor em Ciências Sociais (Estudos Comparados sobre as Américas) pela Universidade de Brasília. Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Rondônia e Professor Colaborador no PPPGAS da Universidade Federal do Mato Grosso.

³ Graduanda em Ciências Sociais, Universidade Federal de Rondônia. Bolsista PIBIC.

⁴ Graduanda em Ciências Sociais, Universidade Federal de Rondônia. Bolsista PIBIC.

Discussão

É possível encontrar diversas plataformas *online* nas quais LGBT indígenas se expressam. Seja em seus perfis no *Facebook* ou em seus canais no *Youtube* nos quais o tema é discutido por eles, bem como no *Twitter*; são várias as referências ao tema, com interações diversas, desde o estranhamento até o preconceito. No entanto, o que se nota de forma preliminar é serem os comentários de apoio aos LGBT indígenas relativamente poucos e vindo, quase sempre, de pessoas já com alguma familiaridade junto à realidade indígena brasileira. De certo modo, os silenciamentos impostos pela colonização – tratados aqui como processos ainda em fluxo – seguem se fazendo notar na vida dos LGBT indígenas, inclusive no ciberespaço. Exemplo disso é seu receio, muitas vezes observado, assumirem um posicionamento mais evidente, temendo serem agredidos e ofendidos.

Considerações finais

Esta pesquisa tem buscado compreender como o conjunto de discursos variados dos LGBT indígenas permanentemente (re)elaboram e (res)significam seus lugares de enunciação referentes à sua sexualidade e gênero, em relação a noções como etnicidade e identidade, por exemplo. O fato de usarem estes canais acaba sendo uma forma de reforçarem serem eles próprios agentes de suas próprias histórias, ampliando suas redes sem o uso de moderadores ou intermediários – havendo, inclusive, grupos fechados de indígenas LGBT nas redes sociais. Essa estratégia é justificada, ao nosso ver, por buscar defender-se justamente dos ataques às suas identidades indígenas, posto que tanto não-indígenas quanto indígenas partem de suas sexualidades desviantes da norma colonial para justificarem seu apagamento. A etnicidade não é um mero detalhe nesse *front* e desconsiderá-la, mesmo em ambientes virtuais, pode induzir a erros.

Não se trata somente de se afirmar como gay, ou bi, ou trans, ou lésbica, ou *queer*, por exemplo, mas, sobretudo, buscar compreender como essas categorias se encontram, ou não, com identidades étnicas (re)criando subjetivações. Além disso, as redes sociais permitem a formação e a consolidação de redes entre esses sujeitos, fornecendo suporte e acolhimento mas, sobretudo, tornando-se locais de resistência de onde surgem novas

narrativas a partir das quais não é o homodesejo, mas a homofobia, uma das faces coloniais contra as quais se lutar.